

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: PROPOSTAS DE PREVENÇÃO CRIADA POR JOVENS NO CONTEXTO ESCOLAR

Estefane Firmino de Oliveira Lima, Paula Orchiucci Miura

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.9573>

Submetido em: 2024-08-07

Postado em: 2024-08-08 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

ARTIGO

VIOÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: PROPOSTAS DE PREVENÇÃO CRIADA POR JOVENS NO CONTEXTO ESCOLAR

ESTEFANE FIRMINO DE OLIVEIRA LIMA¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7077-2987>
<estefane.lima@ip.ufal.br>

PAULA ORCHIUCCI MIURA¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5103-9787>
<paula.miura@ip.ufal.br>

¹ Universidade Federal de Alagoas. Maceió-AL, Brasil.

RESUMO: A prevenção da violência contra criança e adolescente busca eliminar/reduzir os fatores sociais, culturais e ambientais que propiciam a ocorrência das violências. Objetivou-se analisar as estratégias oferecidas aos jovens para o exercício de sua criatividade, bem como os produtos criados acerca da prevenção desse fenômeno. Trata-se de uma pesquisa-ação interventiva, realizada em duas escolas públicas de um estado do Nordeste do Brasil, com 13 adolescentes, com média de idade de 14 anos. As propostas elaboradas pelos jovens destacam a necessidade da: informação, denúncia, busca de ajuda junto a profissionais da saúde, pessoas de confiança, uso de tecnologia, e a articulação em rede para o trabalho de prevenção da violência. Conclui-se que para o protagonismo dos adolescentes faz-se necessário que a escola e outros ambientes ampliem os espaços de escuta, expressão da criatividade, compreendam suas potencialidades, reflexões e estratégias de combate/prevenção das violências.

Palavras-chave: prevenção, violência contra crianças e adolescentes, oficinas.

VIOLENCE AGAINST CHILDREN AND ADOLESCENTS: PREVENTION PROPOSALS CREATED BY YOUNG PEOPLE IN THE SCHOOL CONTEXT

ABSTRACT: Preventing violence against children and adolescents seeks to eliminate/reduce the social, cultural and environmental factors that encourage the occurrence of violence. The objective was to analyze the strategies offered to young people to exercise their creativity, as well as the products created to prevent this phenomenon. This is an interventional action research, carried out in two public schools in a state in the Northeast of Brazil, with 13 adolescents, with an average age of 14 years. The proposals prepared by young people highlight the need for: information, reporting, seeking help from health professionals, trusted people, use of technology, and networking for violence prevention work. It is concluded that for teenagers to take a leading role, it is necessary for schools and other environments to expand spaces for listening, expression of creativity, understanding their potential, reflections and strategies for combating/preventing violence.

Keywords: prevention, violence against children and adolescents, workshops.

VIOLENCIA CONTRA NIÑOS Y ADOLESCENTES: PROPUESTAS DE PREVENCIÓN CREADAS POR JÓVENES EN EL CONTEXTO ESCOLAR

RESUMEN: La prevención de la violencia busca eliminar/reducir los factores sociales, culturales y ambientales que fomentan la ocurrencia de violencia. El objetivo fue analizar las estrategias que se ofrecen a los jóvenes para ejercitar su creatividad, así como los productos creados para prevenir este fenómeno. Se trata de una investigación-acción intervencionista, realizada en dos escuelas públicas de un estado del Nordeste de Brasil, con 13 adolescentes, con edad promedio de 14 años. Las propuestas elaboradas por los jóvenes resaltan la necesidad de: información, denuncia, búsqueda de ayuda de profesionales de la salud, personas de confianza, uso de la tecnología y trabajo en red para el trabajo de prevención de la violencia. Se concluye que para que los adolescentes asuman un rol protagónico es necesario que las escuelas y otros ambientes amplíen espacios de escucha, expresión de creatividad, comprensión de sus potencialidades, reflexiones y estrategias para combatir/prevenir la violencia.

Palabras clave: prevención, violencia contra niños y adolescentes, talleres de trabajo.

INTRODUÇÃO

A palavra adolescência é originada do latim *adolescere* que significa crescer (Santos, 2022). É uma fase da vida situada entre a infância e a vida adulta, marcada por mudanças físicas, comportamentais e psicossociais, podendo ser compreendida como um período singular na vida de um indivíduo (Alves *et al.*, 2021). Autores explicam que essa etapa da vida é marcada pela construção e conquista da subjetividade e individualidade, e por diferentes mudanças de ordem física, cognitiva, emocional e social, as quais levarão ao crescimento e maturidade (Winnicott, [1955]/2005; Macedo, Azevedo e Castan, 2012).

Organização Mundial da Saúde (OMS) considera o período da adolescência entre os dez até os dezenove anos (OMS, 2002). O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), por sua vez, considera como adolescente a pessoa entre doze e dezoito anos de idade incompletos (Brasil, 1990). A adolescência, independentemente da cronologia utilizada para sua definição, é uma fase peculiar de desenvolvimento, junto com a infância, que necessita de proteção integral, garantia de direitos para promover toda a sua potencialidade, afastamento de qualquer forma de opressão, discriminação e violência (Brasil, 1990).

A violência contra crianças e adolescentes é um grave problema de saúde pública em todo o mundo que viola os direitos desses públicos (Brasil, 1990; Lefevre, 1992). Esse fenômeno consiste em todo ato ou omissão cometidos pelos pais, parentes, outras pessoas e instituições, que cause danos físico, sexual e/ou psicológico que prive a criança e o adolescente dos seus direitos de proteção e de pessoas em condições especiais de crescimento e desenvolvimento (Mínayo, 2021).

Apesar das leis, como Constituição de 1988 e o ECA (Brasil, 1990), e dos avanços no desenvolvimento de estratégias de assistência e cuidado da criança e adolescente, os números relacionados a esse fenômeno são preocupantes. Segundo os dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação, do Ministério da Saúde, foram registrados, entre 2021 até 2022, 327.489 notificações relacionadas a violência contra crianças e adolescentes. No Nordeste, foram notificadas 61.771 ocorrências de violências contra esse público, no mesmo período, sendo 4.901 notificações do Estado de Alagoas (Brasil, 2024).

Diante disso, a literatura científica destaca a importância de implementar ações de prevenção, que envolvam políticas públicas, os diversos atores da rede de proteção à criança e ao adolescente, distintas instituições e o próprio público-alvo a fim de diminuir essas violações (Marinho e Aguiar, 2019; Menezes *et al.*, 2020; Souza *et al.*, 2020). Em específico, o trabalho com o tema da prevenção dessa violência é observado como relevante quando realizado diretamente com crianças e adolescentes, para

que estes possam conhecer seus direitos e buscar sua garantia (Souza *et al.*, 2020; Lucca, Leão e Silva, 2022).

Estudos realizados com grupos de adolescentes apontam a importância do uso de atividades/metodologias que possam estimular a expressão criativa, de forma livre e protagonista (Santos *et al.*, 2020; Souza *et al.*, 2020; Dias e Oliveira, 2021). Lopes *et al.* (2012) explicam que é importante investir na instrumentalização do adolescente e no alargamento de sua visão por meio de trabalhos que ofereçam informações discussões e propostas de construção de painéis.

Ao realizar um estudo qualitativo do tipo pesquisa-ação com oito oficinas pedagógicas para conhecimento e construção de jogos digitais em uma escola pública em Pernambuco, Santos *et al.* (2021) descobriram que a ação educativa inspirou os adolescentes participantes a explorar seus próprios talentos e assumir uma postura proativa em relação à saúde pública. Além disso, essas estratégias podem dar aos adolescentes a chance de se expressar e reconhecer seu papel na mudança da realidade de saúde (Santos *et al.*, 2021).

Outros autores ressaltam a necessidade de reconhecer o protagonismo adolescente nos estudos para a prevenção da violência, possibilitando o exercício de sua cidadania, a ampliação do senso crítico, a criatividade e o envolvimento em causas que considerem relevantes para si e para seu grupo social (Souza *et al.*, 2020; Dias e Oliveira, 2021). Winnicott ao considerar o tema da criatividade humana, explica que para o indivíduo essa experiência é fundamental para a vivência da espontaneidade, da saúde mental e da singularidade (Winnicott, [1953]/2019a).

A criatividade, para esse psicanalista, está relacionada a encontrar formas criativas de vivenciar as experiências para que o indivíduo possa se sentir ele mesmo; sentir que a vida vale a pena ser vivida; e de ver o mundo para além de algo ao qual o indivíduo deve adaptar-se e adequar-se (Winnicott, [1971]/2019b). Ainda segundo o autor, é relevante atividades que possibilitem alguma criação, podendo proporcionar um espaço de autenticidade, criatividade, e trânsito entre elementos da realidade subjetiva e objetiva.

A temática da prevenção da violência com o público juvenil pode ser abordada por meio da criação de estratégias educativas que possibilitam o exercício de sua cidadania, a ampliação do senso crítico e o desenvolvimento da criatividade (Souza *et al.*, 2020). Diante do exposto, este artigo tem o objetivo de analisar as estratégias oferecidas aos jovens para o exercício de sua criatividade, bem como os produtos criados por eles acerca da prevenção das violências contra crianças e adolescentes.¹

MÉTODO

Aspectos éticos

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade (Removido para avaliação cega), sob o parecer nº (Removido para avaliação cega). Os Termos de Assentimento Livre e Esclarecido foram assinados por todos/as os/as adolescentes. Quanto aos participantes menores de dezoito anos, pelo menos um dos seus responsáveis, assinou os Termos de Consentimento Livre e

¹ Este texto é parte de uma dissertação de mestrado realizada no período de 2022–2024.

Esclarecido. Esses documentos esclareceram as questões do estudo, os objetivos e os procedimentos metodológicos da pesquisa, fornecem o contato da pesquisadora para desistência do estudo ou busca de apoio psicológico em caso de necessidade.

Além disso, foram cumpridos todos os aspectos éticos no envolvimento de seres humanos e atribuído nomes fictícios para cada participante, sendo divulgado apenas o material coletado e utilizado para a análises. Os nomes fictícios elegidos neste estudo são baseados na campanha “Maio Laranja”² que utiliza uma flor para simbolizar a fragilidade e vulnerabilidade da criança e adolescentes vítimas de violência.

Tipo de estudo

Trata-se de uma pesquisa-ação qualitativa, exploratória, com metodologia interventiva. O método qualitativo abrange uma ampla gama de perspectivas que busca interpretar, compreender, entender ou superar situações sociais ou educacionais consideradas problemáticas pelos atores sociais que são seus protagonistas ou que, por alguma razão, possam ter interesse em abordar tais situações num sentido investigativo (Jordan, 2018). A pesquisa exploratória tem o objetivo de conhecer a variável de estudo conforme se apresenta, seu significado e o contexto onde ela se insere, pressupondo que o comportamento humano é melhor compreendido no contexto social em que ocorre (Piovesan e Temporini, 1995).

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social, concebida e realizada com a associação de uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, envolvendo participantes representativos da situação a ser investigada. Essa abordagem contribui para o intercâmbio e socialização das experiências, dos conhecimentos teóricos, constituindo-se como uma forma de democratização do saber e um conhecimento prático. Além disso, aproxima o pesquisador do campo e dos participantes (Thiollent, 1985; Thiollent e Colette, 2020).

A pesquisa em questão realizou oficinas com jovens acerca da prevenção da violência, com a preocupação de envolver os sujeitos da pesquisa em um processo de reflexão, análise da realidade, produção de conhecimentos e enfrentamento dos problemas por meio de uma participação ativa (Toledo e Jacobi, 2013). Segundo Baldissera (2001) a ferramenta de oficinas traz implicações significativas para o ambiente escolar, social, conhecimento técnico-científico e pode ser interpretado como uma forma de engajamento sócio-político.

Participantes e cenário do estudo

A pesquisa foi realizada em duas escolas públicas de um estado do Nordeste brasileiro, envolvendo 12 adolescentes (11 do sexo feminino e um do sexo masculino) na faixa etária entre 12 e 18

² A campanha Maio Laranja conta com um site que pode ser acessado para mais informações. Disponível em: <https://maiolaranja.org.br/>. Acesso em: 23 fev. 2024.

anos, com média de idade de 14 anos, considerando a faixa etária estabelecida pela OMS (2010), ou seja, circunscreve a adolescência à segunda década da vida (dez até os dezenove anos). Foi possível verificar que os jovens participantes dessa pesquisa são, em sua maioria, de cor/raça autodeclarada parda ou preta (7), autodeclarados heterossexuais (7), religião indefinida (5), matriculados no 7º ano do Ensino Fundamental (6), com a presença materna em todas as famílias, paterna em apenas cinco lares e pertencentes à classe social D/E (7).

A inserção de estudos sobre a temática da violência nas escolas pode facilitar o conhecimento, desenvolver habilidades, promover mudanças de comportamento dos participantes, e é um ambiente importante para a identificação de casos de maus tratos (Levandowski *et al.*, 2021; Fernandes e Siqueira, 2022). A escola configura-se como um contexto de interação, sociabilidade, compartilhamento de informações, permitir o acesso aos objetos de cultura, assim como pode permitir o desenvolvimento de indivíduos autônomos em sua subjetividade (Oliveira, Pedroza e Pulino, 2023).

Procedimento de coleta dos dados

Para a coleta dos dados foram realizadas oficinas acerca da prevenção das violências contra crianças e adolescentes. O presente artigo apresenta a Oficina 4 intitulada “Construção criativa de propostas de prevenção” realizada nos meses de abril, maio e junho de 2023. Esta oficina ocorreu posteriormente às oficinas 1, 2 e 3, intituladas, respectivamente, “Apresentação, acolhimento e constituição de vínculos”, “Espaço de escuta sobre os significados das violências” e “Sensibilização e informação acerca das violências”. Essas oficinas possibilitaram acolher e compreender o significado da violência contra crianças e adolescentes para os participantes, bem como ampliar a informação dos participantes acerca do tema.

Sendo assim, as oficinas seguiram uma cronologia objetivando primeiramente o acolhimento e a escuta sobre o tema (oficina 1), na sequência as pesquisadoras abordaram o assunto de forma dialogada apresentando informações mais científicas (oficinas 2 e 3) e na oficina 4, foco deste artigo, foi oferecido um espaço para construção criativa e espontânea acerca da prevenção da violência contra crianças e adolescentes. Acredita-se, com base no referencial de Winnicott (2019a) que acolher, escutar, informar, dialogar e proporcionar espaços para experiências criativas, seja fundamental para no processo interventivo, clínico e terapêutico.

Para registro das informações, foram utilizados os seguintes instrumentos: diários de campo da pesquisadora e das auxiliares, gravação em áudio das oficinas e fotografia das produções feitas pelos participantes. Estudiosos que fazem uso dos diários de campo explicitam que essa ferramenta é tradicionalmente utilizada como um complemento das práticas de pesquisa de campo, permitindo a escrita das experiências das facilitadoras para novas reflexões e análises não pensadas inicialmente, e o seu processo de escrita, pode ser constituinte do processo de imersão no campo-tema (Kroeff, Gavillon e Ramm, 2020; Nascimento e Lemos, 2020; Barbosa, 2021). É importante ressaltar que as fotografias das produções dos participantes são usadas nesse artigo para análise das propostas de prevenção da violência contra crianças e adolescentes criadas pelos jovens.

Para a realização da oficina “Construção criativa de propostas de prevenção” foi solicitado aos adolescentes a elaboração de produtos que expressassem, para eles/as, como é possível realizar a

prevenção da violência contra crianças e adolescentes. Os jovens estavam livres para escolherem a forma como apresentariam suas propostas de prevenção, sendo previamente explicado o objetivo da atividade.

Na escola 1, as oito participantes eram estudantes de classes diferentes, o horário disponibilizado pela instituição foi durante a realização das aulas, sendo as jovens liberadas das atividades escolares para as oficinas que foram realizadas no ambiente da biblioteca, o qual dispunha de livros, mesas grandes que permitiam sentarem em grupo, aparelho de televisão e computadores. Todos os produtos criados pelas participantes dessa escola foram realizados individualmente e por meio de apresentações em *PowerPoint*.

Na escola 2, os quatro participantes eram da mesma classe, a instituição disponibilizou um horário de aula que não tinha professor, sendo as oficinas realizada no ambiente da sala de aula. Esse espaço possuía mesas e cadeiras usualmente utilizadas pelos participantes, os quais se organizaram de forma grupal e optaram por realizar a construção de um cartaz.

Em ambas as escolas, foram disponibilizados materiais diversos como: cartolinas, lápis de colorir, marcadores permanentes, borrachas e projetor, e os adolescentes podiam utilizar seus próprios materiais. Os jovens participaram de atividades de forma individual (escola 1) e em grupo pequeno (escola 2), conforme decidido por/entre elas/es. Após a finalização da atividade, foi dado um tempo para os participantes apresentarem para os demais colegas o que criaram e aberto um momento para perguntas e debate das propostas por eles/as e seus pares.

Análise de Dados

Utilizou-se a análise de conteúdo de Minayo (2014), a qual destaca que essa técnica metodológica compreende três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, seguido da interpretação. Esse método permite a descrição e análise qualitativa das informações, sendo frequentemente utilizado em pesquisas qualitativas (Minayo, 2014).

RESULTADOS E DISCUSÕES

Os adolescentes, de ambas as escolas, quando apresentado a atividade, informaram não saber o que fazer, nem como elaborar/pensar propostas de prevenção da violência. Foi explicitado que a equipe facilitadora estaria próxima e disponível para o suporte dos participantes, que não haveria julgamento do que fosse elaborado, que poderiam pensar nas oficinas anteriores, trazer suas reflexões, formarem grupos/ou não, e que cada um confiasse na sua imaginação e criatividade, pois eram os protagonistas da atividade.

Os participantes, de ambas as escolas e no início das atividades, perguntaram se podiam usar informações da *internet* para buscar as informações sobre a violência e criar suas apresentações. Foi explicado que a produção era deles e que seria importante não copiar, mas que estavam livres para expressar o que entendiam por formas de prevenção, violência e o que mais gostassem de apresentar. O papel da equipe facilitadora foi principalmente administrar o tempo, auxiliar nas dúvidas e organizar as apresentações.

A seguir, são apresentadas e discutidas as produções concretizadas pelos participantes de acordo com as suas respectivas escolas, visto que a organização e a elaboração das produções se deram de modo distinto entre as escolas e os participantes. Não foram realizadas correções gramaticais nesses produtos.

Escola 1

Na escola 1 participaram oito jovens do sexo feminino. As participantes iniciaram as atividades falando de construir algo de forma grupal, chegando a se dividirem em grupo. Uma participante (Azaléia, 13 anos) informou que gostaria de fazer sozinha. Essa participante, desde a primeira oficina, era a primeira a chegar no espaço da biblioteca, tranquila no grupo, atenciosa e participativa com os conteúdos das oficinas.

No decorrer da atividade, algumas meninas saíram do espaço e demoram para voltar, de modo que, no final do tempo para a construção das propostas, Ipê, Amarilis (ambas de 12 anos) e Azaléia fizeram e apresentaram suas produções de forma individual.

A produção de Azaléia (13 anos) compreendeu quatro slides. A adolescente explicou em dois, quais os tipos de violência contra crianças e adolescentes, e cinco formas de prevenção. Ela foi trazendo, em sua fala, outros conteúdos como: ensinar, principalmente as crianças a conversar com os adultos que confiam; aprender a se defender falando e denunciando por meio do disque 100. Além dos conteúdos pesquisados na *internet*, a participante retomou conteúdos apresentados pelas facilitadoras na oficina anterior.

Como pode ser observado, as cinco formas de prevenção escritas por Azaléia explicitam a importância de buscar ajuda para obter informações sobre o tema e para denunciar – quando necessário. Alguns estudiosos abordam a necessidade de estratégias de escuta que possibilitem um ambiente familiar acolhedor, de segurança confiança para que crianças e adolescentes possam resolver conflitos, e revelar situações de violência (Silva *et al.*, 2020; Lima, Pereira e Miura, 2021). Nessa direção, o estudo realizado por Miura e colaboradores (2018) aponta a relevância de intervenções que promovam um ambiente pautado no acolhimento e na receptividade para os jovens, possibilitando aos participantes as experiências de suas vivências subjetivas e criativas, ou seja, um espaço potencial.

De acordo com Winnicott (2019b), o espaço potencial é como uma área intermediária entre a realidade interna e externa, um lugar simbólico existente entre o indivíduo e o objeto (ambiente), não sendo este é um lugar físico determinado. Nesse estudo, as oficinas podem ser pensadas como uma forma de possibilitar esse ambiente, como já realizado em outras investigações semelhantes (Gregório e Amparo, 2018; Miura *et al.*, 2018). A literatura científica ainda aponta que atividades vivenciais ou dinâmicas grupais, treino de habilidades sociais, psicoeducação e tarefa de casa, são ações eficazes para adolescentes aprenderem sobre o tema de prevenção sobre violência e citarem exemplos vivenciados ou percebidos (Murta *et al.*, 2016).

Azaléia foi a única participante que citou a violência contra crianças e adolescentes no período da pandemia da Covid-19, explicando que viu, em sua pesquisa na internet, que houve muitos casos de violência não notificados neste período. O Atlas de Violência de 2023 apontou uma redução nos últimos anos de notificações das violências contra crianças e adolescentes (Cerqueira e Bueno, 2023). No entanto, não é possível afirmar qual a amplitude da redução dos casos de violência contra crianças e adolescentes, pois esse fenômeno possui uma subnotificação, e em 2020 e 2021, a pandemia da Covid-19 pode ter

contribuindo ainda mais para a não notificação de violação dos direitos das crianças e adolescentes (Levandowski *et al.*, 2021).

As outras duas participantes da escola 1, Ipê e Amarílis (ambas de 12 anos) trouxeram apresentações voltadas para o tema da violência contra a mulher. Amarílis fez uma apresentação com quatro *slides*, conceituando os tipos de violência doméstica contra a mulher (física, psicológica, sexual e patrimonial). Em sua fala, descreveu exemplos de familiares próximos que vivenciaram violência contra a mulher, trouxe de forma ampla outras violências (racismo, contra a população LGBTQIA+ e pessoa idosa), explicou, em muitos momentos, a importância de falar sobre o tema e usou animes para decorar sua apresentação.

No terceiro *slide* de Amarílis, ela explica que a forma de prevenir a violência é “*a associação da saúde, educação, assistência social, e das instituições de proteção social*” (sic, Amarílis, 12 anos), ou seja, a adolescente aborda a importância do trabalho em rede, como preconiza o ECA em seu Art. 86: “A política de atendimento dos direitos da criança e do adolescente far-se-á através de um conjunto articulado de ações governamentais e não-governamentais, da União, dos estados, do Distrito Federal e dos municípios” (Brasil, 1990).

Ambas participantes (Ipê e Amarílis) em outras oficinas já tinham falando da violência contra as mulheres e outros públicos como violações que também podem afetar o público de crianças e adolescentes, bem como trouxeram situações familiares com parentes mais velhos (avós e tios) que percebiam como um tipo de violência: atividades domésticas exercidas somente pelas figuras femininas e poucos momentos de lazer das mulheres, em comparação com os seus respectivos companheiros. Mosená e Bossi (2022) explicam que a criança ao ser exposta à violência conjugal pode ter repercussões quando adulto, e que a violência entre cônjuges é sutil e cultural, entrecruza emoções e relações afetivas. Além disso, violação é naturalizada e perpetuada de geração em geração (Mosená e Bossi, 2022), de modo que, a atenção das participantes, à respeito da violência doméstica e outras violências, apontam para uma mudança cultural e geracional.

Estudo que analisaram as percepções dos profissionais de saúde em relação à criança vítima de violência explicam que é importante o trabalho em rede multiprofissional e interinstitucional, tanto em instituições governamentais quanto não governamentais, buscando uma integração para a rede de cuidados e de proteção social para esse público (Costa e Tacsiiy, 2020). É importante o conhecimento e o funcionamento da rede de proteção para assegurar os direitos de crianças e adolescentes em situação de violência, por meio do atendimento articulado e integrado, visando mudar atitudes e quebrar o ciclo da violência (Melo *et al.*, 2020).

A adolescente Ipê (12 anos), por sua vez, trouxe duas imagens com o conceito do que é violência doméstica, citou a Lei Maria da Penha, e enfatizou o contato da central de atendimento à mulher. Enfatizou ainda que era um número que ela não conhecia e que achou interessante porque atende ligações 24h por dia. A violência doméstica contra a mulher mesmo quando não praticada diretamente contra crianças e adolescentes, pode atingir esse público. Filhos que vivenciam situações de violência contra a mãe podem ter o comprometimento na saúde física e mental, maior propensão para o uso de drogas, interferência no rendimento escolar e são mais vulneráveis a sofrerem violência, por se envolverem entre os pais no momento de conflito e/ou aproximar-se de vivências de violência na vida adulta (Carneiro *et al.*, 2017). As adolescentes (Ipê e Amarílis) esclareceram que tiraram as informações das suas produções de *sites* do governo.

Com a popularização do acesso à *internet*, os *sites* e as redes sociais estão entre as principais plataformas utilizadas por jovens para diversão e informação. Diante disso, o uso dessas tecnologias para divulgação de conhecimento para o enfrentamento da violência faz-se necessário, visto que a informação acerca desse fenômeno é observada como uma modalidade de prevenção primária da violência (Faraj, Scott e Siqueira, 2020; Miura e Santana, 2023). É importante ressaltar que o uso de *sites* e redes sociais é fundamental para buscar conscientizar acerca da problemática da violência, eliminar e reduzir os fatores relacionados as situações de violência, porém deve-se ter cuidado com notícias falsas e desinformação que podem causar danos na sociedade, como observado em pesquisa que estudaram o impacto das *fake news* na atualidade (Riemsdijk *et al.*, 2020).

Escola 2

Na escola 2, houve a participação de quatro adolescentes (três do sexo feminino e um masculino), que trabalharam em grupo. Na apresentação, dois participantes falaram mais, explicando como foi pensado e construído por eles. Esse grupo trouxe, em um cartaz, de forma direta as seguintes estratégias de prevenção: aplicativo para facilitar os jovens a denunciar; leis e punições mais rígidas; rede de apoio para as crianças e adolescentes que sofrem da violência; diminuição do porte de armas; igualdade de gênero nas escolas, no trabalho; e palestras/campanhas sobre o assunto.

Os adolescentes propuseram a criação de um aplicativo, justificando que tecnologia está cada vez mais presente na sociedade e próxima a eles/as. O uso das tecnologias digitais de informação e comunicação, em associação com temáticas referentes à saúde, têm obtido resultados efetivos, porque essas pode romper barreiras, como a timidez, o receio e às vezes a discriminação, que dificultam o contato dos adolescentes com os serviços de saúde (Vasconcelos *et al.*, 2020). Essa proposta é uma alternativa impactante na prevenção aos diversos tipos de violência, como o *bullying*, *Cyberbullying*, violência sexual, intrafamiliar, escolar, urbana, física, policial, o suicídio e o abuso de relacionamento adolescente (Vasconcelos *et al.*, 2020).

A sugestões de leis com punições mais rígidas e de uma rede de apoio para as crianças e adolescentes que sofrem violência foram trazidas pelos adolescentes, pois “*não vejo a rede de proteção no nosso dia. Não sei onde é o conselho tutelar ou delegacia da criança*” (sic, Fitonia, 17 anos). Um estudo realizado com crianças e adolescentes em uma instituição de acolhimento do Nordeste Brasileiro realizou uma oficina sobre o ECA, possibilitando que os participantes conhecessem alguns artigos do estatuto, expressar como entenderam seus direitos e compartilhar suas experiências (Lima, Pereira e Miura, 2021). Ações como essas e uma maior articulação de parceria entre instituições escolares conselhos tutelares, polícia, CREAS, entre outros serviços da rede de proteção da criança e adolescentes podem permitir que as crianças e adolescentes percebam a presença das leis e o funcionamento da rede de proteção, mesmo que esses indivíduos não sejam vítimas da violência.

As propostas dos participantes, como a diminuição do porte de armas e a busca pela igualdade de gênero, corroboram a ideia de uma cultura de paz. A cultura de paz, segundo Adams (2005), é uma abordagem integral para prevenir a violência, os conflitos violentos, uma alternativa à cultura da guerra e da violência. Ela é baseada na educação para a paz, na promoção da economia sustentável, desenvolvimento social, respeito pelos direitos humanos, na igualdade entre mulheres e homens, na participação democrática, na tolerância e no desarmamento.

A sugestão do grupo de jovens, vai ao encontro do Programa Saúde na Escola do Ministério da Saúde, instituído em 2007, que destaca a importância do setor da saúde no ambiente escolar para a construção de rede de prevenção, enfrentamento e atenção às situações de violência contra crianças, adolescentes e suas famílias, incluindo a temática da cultura de paz na escola (Brasil, 2010). Esse programa tem como objetivo o desenvolvimento da formação integral dos estudantes da rede pública de educação básica por meio de ações de prevenção, promoção e atenção à saúde, englobando direto e indiretamente temas como o da violência (Brasil, 2010).

Ambas escolas

A realização de atividades grupais com o público adolescente evidencia que nessa fase da vida pertencer a grupos é fundamental, pois: "Os grupos de adolescentes jovens são ajuntamentos de indivíduos isolados que procuram formar um agregado por meio de identidade de gostos" (Winnicott, 2021, p. 118). Além disso, em grupo, a palavra de um pode auxiliar o outro, e auxiliar na construção de novos sentidos ao que está sendo discutido, e as falas "podem ser confrontadas, reforçadas ou reformuladas" (Matheus, 2002, p. 186).

Assim como o grupo da escola 1, os participantes da instituição 2, ressaltaram sobre a importância das oficinas, de falar sobre o tema e relataram que as oficinas deveriam ser replicadas em outras turmas. A exposição de exemplos familiares (escola 1) e o desejo de expandir a discussão das oficinas para outros colegas (escola 1 e 2) aponta a confiança dos participantes nos espaços das oficinas e a construção coletiva do conhecimento. Nesse sentido, as oficinas podem ser pensadas como um local onde foi possível os participantes exercer a liberdade do brincar e de ser criativo (Winnicott, 2019b).

Quanto ao trabalho em grupo proposto, percebeu-se diferenças entre as escolas. Na escola 1, as jovens eram de classes escolares distintas, tinham acesso direto aos computadores, tanto que todas as participantes buscaram informações na *internet* para a construção de suas propostas. Nessa instituição ainda foi possível perceber que as participantes não conseguiram realizar uma atividade de forma grupal, mesmo inicialmente propondo essa articulação. A dispersão das adolescentes foi maior nesse grupo. Esse comportamento pode ter se dado porque as adolescentes criaram uma amizade durante as oficinas e, usaram esse momento, para conversar sobre os outros assuntos, pois não se encontravam nas suas salas de aulas.

Na escola 2, pelas oficinas serem realizadas em uma classe que os alunos já se conheciam, pode-se perceber uma maior interação grupal e menor dispersão dos jovens, mesmo que ainda observada muitas brincadeiras. Além disso, a não presença de computadores no espaço de sala, possibilitou a construção de um produto manual elaborado com base em debate e opinião coletiva. Deste modo, é observado que o trabalho em grupo desenvolve vínculos afetivos, bem como pode fortalecer amizades já construídas. No entanto, quando observa a estratégias de trabalhar com os grupos de adolescentes, o engajamento em atividades coletivas pode ser maior quando os participantes possuem um vínculo a priori.

Sobre a importância de precisar falar sobre o tema, na escola 1, as adolescentes destacaram que seria interessante abordar mais o assunto na escola e com os pais. Na escola 2, os adolescentes solicitaram o cartaz construído, explicando que gostariam de compartilhá-lo em uma disciplina eletiva que participavam. Isso pode indicar que as oficinas, e a construção realizada pelos adolescentes, foram

estratégias importante de discussão acerca da temática; possibilitou um desejo de multiplicação de conhecimento entre os pares, familiares e comunidade escolar; e houve uma apropriação do potencial de prevenção da violência pelos adolescentes. Esses dados podem evidenciar que os adolescentes foram criativos, pois ficaram admirados com suas produções, e “Quando nos surpreendemos com nós mesmos, estamos sendo criativos e descobrimos que podemos confiar em nossa inesperada originalidade” (Winnicott, 2021, p. 58).

Apesar dos pais e a escola serem referidos como figuras que precisam conhecer/ensinar o tema, foi observado que nenhuma proposta de prevenção envolveu a intervenção direta com os genitores /familiares, ou considerou o ambiente escolar como um local da própria rede de proteção. As propostas dos adolescentes desse estudo são voltadas para a compreensão e informação sobre a temática, a denúncia e a busca de ajuda junto a profissionais da saúde e pessoas de confiança. Segundo Brandão Neto *et al.* (2020) o ambiente escolar e o engajamento de pais e parentes próximos é uma peça importante e complementar às medidas de prevenção da violência que podem fortalecer o fomento de ações interventivas e preventivas.

Observou-se também que as propostas da escola 1 foram ancoradas em informações da *internet*, abordaram outros tipos de violência tais como violência contra a mulher, o que pode ser experienciado como violência testemunhal pelas crianças e adolescentes, quando a violência acontece contra a mãe, por exemplo. E focalizaram em serviços existentes da rede de proteção a vítimas de violência. Barbosa *et al.* (2020) explicam que a informação é apenas uma das muitas estratégias a serem abordadas num programa de prevenção, e a *internet* tem sido um meio extremamente importante para o relacionamento humano, para obter informações, criar mecanismos de defesa contra a violência e buscar ajuda em situações desse fenômeno (Njaine, 2006).

Os produtos da escola 2, por sua vez, foram pautados em discussões nos grupos e voltados para atividades que buscam mudanças sociais e ações em que os jovens poderiam realizar como: praticar a igualdade de gênero e acessar um aplicativo para denunciar uma situação de violência. Esses alunos podem ter ampliado suas reflexões para temas mais sociais por terem contato com disciplinas críticas que as estudantes da escola 1 ainda não tinham cursado, como filosofia e sociologia. Kuhnen (2017) aponta que o ensino de filosofia pode fazer com que os alunos construam uma identidade individual consciente e crítica da posição social que seu gênero ocupa no meio social.

As diferenças de produções podem evidenciar a importância de respeitar as diferentes formas de se relacionar, de se expressar e de se comunicar dos jovens (Winnicott, 2021; Santos, 2022). Essas construções dos adolescentes igualmente podem indicar que eles/as sentiram confiança para escolher a forma de expressar seus conhecimentos e se sentiram protagonistas na oficina. Silva, Mello e Carlos (2010) explicam que o protagonismo juvenil se contrapõe ao paternalismo, determinismo, ceticismo, alienação e isolamento, reconhecendo que os adolescentes podem se mobilizar, definir suas próprias prioridades coletivas e atuar em prol da comunidade ou da causa que elegeram.

Para que o protagonismo juvenil ocorra, os adolescentes precisam conhecer e compreender melhor essas questões que os cercam (Silva, Mello e Carlos, 2010), como alcançado nas oficinas realizadas. Brandão Neto *et al.* (2020) explicam que uma postura de protagonismo juvenil possibilita que o adolescente possa ter atitudes mais assertivas, agregadoras de respeito, solidariedade, fortalecimento da cidadania e de relações interpessoais mais empáticas e harmônicas, objetivando o bem coletivo, o cuidado com o outro e com o ambiente.

É importante ressaltar que ambas as instituições demonstraram disponibilidade para a realização das atividades, desde a apresentação da proposta as respectivas coordenações. A escola 1, de ensino fundamental 2, demonstrou parceria/articulação com os professores que, foram flexíveis com as participantes, passando atividades posteriores com o objetivo de repor o horário utilizado nas oficinas. A escola 2, no entanto, por ser uma instituição de Ensino Médio, disponibilizou um tempo reduzido para as oficinas, de modo que os encontros tinham que encerrar pontualmente para o início da próxima aula dos estudantes. Ferreira, Piazza e Souza (2019) explicam que a escola se apresenta como espaço privilegiado para ações de promoção de saúde devido ao seu caráter formativo, sendo importante a construção de parceria entre escola e universidade para atender às demandas da comunidade escolar.

A experiência das oficinas, assim como as produções apresentadas acima, suscitou a construção da cartilha intitulada: “ (Removido para avaliação cega) ”. Esse material foi entregue aos participantes e divulgado nas escolas. A cartilha foi apresentada antes de sua finalização para os adolescentes que aprovaram seu delineamento, e informaram querer divulgar o material para os seus colegas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo analisar as estratégias oferecidas aos jovens para o exercício de sua criatividade, bem como os produtos criados por eles acerca da prevenção das violências contra crianças e adolescentes. O desenvolvimento deste estudo possibilitou uma intervenção junto a adolescentes sobre a prevenção da violência contra crianças e adolescentes no espaço escolar resultando na criação de produtos pelos participantes acerca desse fenômeno. Trabalhar com essa temática complexa junto a adolescentes exige uma postura sensível, acolhedora, dinâmica e de construção de espaços que promovam a participação ativa.

A violência permeia a vida dos adolescentes demandando a mobilização de toda sociedade. Desse modo, propostas continuadas de intervenção mediante ações que promovam a escuta, permitam o desenvolvimento da criatividade e estimulem a reflexão com adolescentes ainda se fazem necessárias acerca da temática aqui trabalhada ou de outras, como a da violência no ambiente escolar.

Os adolescentes participantes desses estudos conseguiram, ao seu modo, elaborar e propor estratégias de prevenção possíveis para eles e seus pares. Os produtos analisados evidenciam que os próprios adolescentes ressaltam sobre a importância da articulação em rede para o trabalho de prevenção à violência contra crianças e adolescentes. Assim, torna-se primordial a integração das áreas da saúde, universidades, lideranças comunitárias e outras áreas da sociedade para em rede em defesa da prevenção da violência.

As propostas ainda ressaltaram a necessidade da: informação sobre a temática, denúncia, busca de ajuda junto a profissionais da saúde e pessoas de confiança, bem como o uso de tecnologia para a prevenção da violência. As indicações dos participantes ainda destacam a *internet* como um meio fundamental de comunicação, que pode ajudar os jovens a entender questões como a violência, redes de proteção e promover a reflexão crítica sobre esse fenômeno na sociedade. O uso de políticas públicas que aproveitem a *internet* e a tecnologia para alcançar os adolescentes pode facilitar a atuação desse grupo como agentes de mudança social.

A sequência das oficinas com acolhimento e escuta acerca dos significados das violências para os adolescentes; informação acerca do tema e; elaboração criativa de propostas de prevenção pôde proporcionar o entendimento sobre o tema, uma reflexão e compreensão dos próprios adolescentes de suas potencialidades diante da prevenção desse fenômeno, e proporcionar um espaço de pesquisa acolhedor e de confiabilidade.

Os participantes ressaltaram a importância das oficinas, do tema abordado e que outros jovens tivessem a oportunidade de participar das discussões. É necessário que a escola e outros ambientes, ampliem os espaços de escuta dos adolescentes, disponibilizem um espaço criativo que não objetivem mera adaptação do público, mas que os façam entender suas potencialidades diante do assunto, expressar, refletir e criar estratégias de combate/prevenção representativas para eles.

Como limite do trabalho, foi observada participação reduzida de adolescentes do sexo masculino. Sugere-se o incentivo e realização de atividades semelhantes com grupos maiores, com mais jovens do sexo masculino, além de intervenções direcionadas à comunidade escolar, envolvendo professores, profissionais que atuam na escola e familiares. Refletir sobre as propostas de prevenção da violência contra crianças e adolescentes é fundamental para que esses sujeitos tenham seus direitos garantidos e a prevenção possa alcançá-los de modo significativo.

REFERÊNCIAS

ADAMS, D. Toward a global movement for a culture of peace. *Peace and Conflict*, v. 6, n. 3, p. 259-266, 2000. <https://doi.org/10.1207/S15327949PAC0603_9>

ALVES, R. S. S., et al. Gravidez na adolescência: Contribuições dos profissionais de saúde frente à educação sexual e reprodutiva. *Research, Society and Development*, v. 10, n. 2, p. e20010211282-e20010211282, 2021. <<https://doi.org/10.33448/rsd-v10i2.11282>>

BALDISSERA, A.. Pesquisa-ação: uma metodologia do “conhecer” e do “agir” coletivo. *Sociedade em Debate*, v. 7, n. 2, p. 5-25, 2001. Disponível em: <<https://revistas.ucpel.edu.br/rsd/article/view/570>>. Acesso em: 15/03/2024.

BARBOSA, Alana. M. M. *Cultura e brincar com crianças de Maceió: um estudo a partir de conceitos winnicottianos*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Maceió: Universidade Federal de Alagoas, 2021. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/10821>>. Acesso em: 15/03/2024.

BARBOSA, L. U., et al. Dúvidas e medos de adolescentes acerca da sexualidade e a importância da educação sexual na escola. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, v. 12, n. 4, p. e2921, 2020. <<https://doi.org/10.25248/reas.e2921.2020>>

BRANDÃO NETO, W., et al. Formação de adolescentes protagonistas para a prevenção do *bullying* no contexto escolar. *Revista Brasileira de Enfermagem*, v. 73, 2020. <<https://doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0418>>

BRASIL. *Diretrizes Nacionais para a Atenção Integral à Saúde de Adolescentes e Jovens na Promoção, Proteção e Recuperação da Saúde*. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Brasília, DF. 2010.

BRASIL. *Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Diário Oficial da União. Brasília, DF. 1990.

BRASIL. *Sistema de Informação de Agravos de Notificação* 2024. Disponível em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sinanet/cnv/violebr.def>. Acesso em: 20/05/2024.

CARNEIRO, J. B., *et al.* Violência conjugal: repercussões para mulheres e filhas (os). *Escola Anna Nery*, v. 21, p. e20160346, 2017. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2016-0346>

CERQUEIRA, D.; BUENO, S. **Atlas da Violência 2023**, São Paulo: FBSP, Brasil. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/arquivos/artigos/9350-223443riatlasdaviolencia2023-final.pdf>. Acesso em: 25/03/2024.

COSTA, K.D.; TACSIY, Y. R. C.. Percepções dos profissionais de saúde sobre a criança vítima de violência, em um município do sudoeste goiano. *Revista Saúde Multidisciplinar*, v. 7, n. 1, 2020. Disponível em: <http://revistas.famp.edu.br/revistasaudemultidisciplinar/article/view/106/104>. Acesso em: 25/03/2024.

DIAS, A. A.; OLIVEIRA, M. R. de A. Sobre o protagonismo-otro: a desviança em adolescentes privados de liberdade: Sobre el protagonismo-otro: la desviación en adolescentes privados de libertad. *Revista Cocar*, [S. l.], v. 15, n. 33, 2021. Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/4508...>. Acesso em: 7/06/2024.

FARAJ, S. P.; SCOTT, J. B.; SIQUEIRA, A. C.. Escola como um espaço de prevenção da violência: um relato de experiência. *Barbarói*, n. 57, p. 254-273, 5 jul. 2020. <https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i57.11266>

FERNANDES, B. C.; SIQUEIRA, C. V. C.. Violência contra a criança e adolescente durante a pandemia de COVID-19: uma revisão da literatura. *Repositório Institucional do UNILUS*, v. 2, n. 1, 2023. Disponível em: <http://revista.lusiada.br/index.php/rtcc/article/view/1623/1264>. Acesso em: 25/03/2024.

FERREIRA, I. G.; PIAZZA, M.; SOUZA, D. Oficina de saúde e sexualidade: Residentes de saúde promovendo educação sexual entre adolescentes de escola pública. *Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 41, p. 1788, 2019. < 10.5712/rbmfc14(41)1788>

GREGÓRIO, G. S.; AMPARO, D. M.. O brincar e o espaço potencial no ambiente virtual. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 21, p. 71-82, 2018. <https://doi.org/10.1590/1809-44142018001007>.

JORDAN, Constance. *Renaissance feminism: literary texts and political models*. Cornell University Press, 2018.

KROEFF, R. F. S.; GAVILLON, P. Q.; RAMM, L. V.. Diário de Campo e a Relação do (a) Pesquisador (a) com o Campo-Tema na Pesquisa-Intervenção. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 20, n. 2, p. 464-480, 2020. <https://doi.org/10.12957/epp.2020.52579>

KUHNEN, Tânia Aparecida. Ensino de filosofia e a constituição da identidade individual: formação, autonomia e gênero. *Perspectiva*, v. 35, n. 4, p. 1026-1044, 2017. <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2017v35n4p1026>

LEFEVRE, F.. Violação e violência: resgatando a violação como fato cultural. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v. 11, n.2, p. 36- 42, 1992. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/jhgd/article/view/49710/53822>. Acesso em: 25/03/2024.

LEVANDOWSKI, M. L. *et al.* Proteção infantil durante a COVID-19: até quando os casos de maus-tratos infantis continuarão sendo subnotificados?. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 37, p. e00078421, 2021. <<https://doi.org/10.1590/0102-311X00078421>>

LIMA, E. F. O.; PEREIRA, D.B.; MIURA, P. O.. Psicologia E Instituição De Acolhimento: Relato De Experiência. *Psicologia em Revista*, v. 27, n. 2, p. 340-360, 2021. <<https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2021v27n2p327-347>>

LUCCA, R.; LEÃO, A. M. C.; SILVA, R. A. A importância da avaliação de fatores de risco na prevenção da violência sexual contra crianças e adolescentes. *Humanidades & Inovação*, v. 9, n. 15, p. 222-232, 2022. Disponível em: <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2714>>. Acesso em: 25/03/2024.

MACEDO, Mônica Medeiros Kother.; AZEVEDO, Berta Hoffmann; CASTAN, Juliana Unis.. Adolescência e Psicanálise. In: MACEDO, Mônica Medeiros Kother. (Org.). *Adolescência e psicanálise: interseções possíveis*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012. p. 15-54.

MARINHO, R. A. Q. C.; AGUIAR, R. S.. A atenção primária como eixo estruturante da redução dos indicadores de violência contra crianças e adolescentes. *REVISA*, v. 8, n. 2, p. 228-241, 2019. Disponível em: <<https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/biblio-1095806>>. Acesso em: 28/03/2024.

MATHEUS, Tiago Corbisier. *Adolescência: história e política do conceito na Psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

MENEZES, E. S., *et al.* Grupo de adolescentes em serviços de saúde mental: uma ferramenta de reabilitação psicossocial. *Vínculo-Revista do NESME*, v. 17, n. 2, p. 118-140, 2020. <<http://dx.doi.org/10.32467/issn.19982-1492v17n2p118-140>>

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. Editora Hucitec, 2014.

MINAYO, M. C. S.. Violência contra crianças e adolescentes: questão social, questão de saúde. *Revista brasileira de saúde materno infantil*, v. 1, p. 91-102, 2001. <<https://doi.org/10.1590/S1519-38292001000200002>>

MIURA, P. O., *et al.* O ambiente escolar como espaço potencial para adolescente: relato de experiência. *Pesquisas e Práticas Psicossociais* 1, v. 13, n. 2, p. 1-14, 2018. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082018000200013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 15/04/2024.

MIURA, P. O.; SANTANA, L. E. F. . Uso Das Plataformas Digitais No Enfrentamento Da Violência Contra Crianças E Adolescentes: Revisão De Literatura. In: FERREIRA, E. M; KLAUSS, J.; FREITAS, P. G. (Org.). *Psicologia: abordagens, reflexões e pesquisas contemporâneas - Volume 1*. 1ed.Rio de Janeiro: Epublicar, 2023, v. 1, p. 106-117. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/1hlsunDNtMHqmxYTpS9nT6xlYFf2v-oyn/view>>. Acesso em: 15/04/2024.

MURTA, S. G., *et al.* Efeitos de um programa de prevenção à violência no namoro. *Psico-USF*, v. 21, p. 381-393, 2016. <<https://doi.org/10.1590/1413-82712016210214>>

NASCIMENTO, Maria Livia do LEMOS, Flávia Cristina Silveira. A pesquisa-intervenção em Psicologia: os usos do diário de campo. *Barbarói*, v. 57, p. 239-253, jul.-dez. 2020. <<http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i57.14675>>

NJAINÉ, K.. Sentidos da violência ou a violência sem sentido: o olhar dos adolescentes sobre a mídia. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, v. 10, p. 381-392, 2006. <<https://doi.org/10.1590/S1414-32832006000200008>>

OLIVEIRA, N. P.; PEDROZA, R.L. S.; PULINO, L. H. C. Z. Escrevivências: possibilidades para uma educação antirracista. *Rev. Bras. Educ.*, v. 28., 28, e280101, 2023. <<https://doi.org/10.1590/s1413-24782023280101>>

OMS. Organização Mundial da Saúde. *Relatório Mundial de Violência e Saúde*. Genebra: OMS, 2002. Disponível em: <<https://www.cevs.rs.gov.br/>>. Acesso em: 05/08/2024.

PIOVESAN, A.; TEMPORINI, E. R.. Pesquisa exploratória: procedimento metodológico para o estudo de fatores humanos no campo da saúde pública. *Revista de saúde pública*, v. 29, p. 318-325, 1995. <<https://doi.org/10.1590/S0034-89101995000400010>>

RIEMSDIJK, G. *et al.* O fator *fake news* na atualidade, na mira da psicologia. *Revista INFAD de Psicología. International Journal of Developmental and Educational Psychology*, v. 1, n. 1, p. 255-262, 2020. <<https://doi.org/10.17060/ijodaep.2020.n1.v1.1782>>

SANTOS, Kedma Augusto Martiniano. *Os Significados Das Experiências Em Situação De Pandemia Da Covid-19 Para Os Adolescentes*. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Maceió, Universidade Federal de Alagoas, Alagoas, 2022. Disponível em: < <http://www.repositorio.ufal.br/jspui/handle/123456789/12434>>. Acesso em: 05/08/2024.

SANTOS, T. A. *et al.* Protagonismo de adolescentes na criação de um *storyboard* para um jogo digital sobre hanseníase. *Cogitare Enfermagem*, v. 26, p. e71478, 2021. <<https://doi.org/10.5380/ce.v26i0.71478>>

SILVA, C. Y. G.; MOTTA, I. F. Nas batidas do rap: uma reflexão winnicottiana sobre o amadurecimento juvenil. *Agora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 23, p. 24-34, 2020.< <https://doi.org/10.1590/1809-44142020002009>>

SILVA, M. A. I.; MELLO, D. F.; CARLOS, D. M.. O adolescente enquanto protagonista em atividades de educação em saúde no espaço escolar. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 12, n. 2, 2010. < <https://doi.org/10.5216/ree.v12i2.5301>>

SOUZA, V. P., *et al.* Protagonismo de adolescentes no planejamento de ações para a prevenção da violência sexual. *Texto & Contexto-Enfermagem*, v. 29, p. e20180481, 2020. <<https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2018-0481>>

THIOLLENT, M. J. M.; COLETTE, M. M.. Pesquisa-ação, universidade e sociedade. **Revista Mbote**, v. 1, n. 1, p. 042-066, 2020. <<https://doi.org/10.47551/mbote.v1i1.9382>>

THIOLLENT, M.. *Metodologia da pesquisa-ação*. São Paulo: Cortez,1985.

TOLEDO, R. F.; JACOBI, P. R. Pesquisa-ação e educação: compartilhando princípios na construção de conhecimentos e no fortalecimento comunitário para o enfrentamento de problemas. *Educação e Sociedade*, v. 34, n. 122, p. 155-173, 2013. <<https://doi.org/10.1590/S0101-73302013000100009>>

VASCONCELOS, M. I. O., *et al.* Validação do aplicativo helpteen para prevenção da violência contra adolescentes. *Enfermagem em Foco*, v. 11, n. 4, 2020. Disponível em:< <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3531/945>>. Acesso em: 05/08/2024.

WINNICOTT, Donald Woods. A mãe, a professora e as necessidades da criança. In: WINNICOTT, D. W. *A criança e seu mundo*. 6. ed. LTC, 2019a (Original de 1953).

WINNICOTT, Donald Woods. Influências de grupo e a criança desajustada: o aspecto escolar (1955). In: WINNICOTT, Donald Woods. *Privação e delinquência*. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2005. p. 215-226.

WINNICOTT, Donald Woods. *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu Editora. 2019b (Original de 1971).

WINNICOTT, Donald Woods. *Tudo começa em casa*. São Paulo: Ubu Editora. 2021 (Original de 1971).

CONTRIBUIÇÃO DAS/DOS AUTORES/AS

Autora 1 – Realizadora da pesquisa, Coleta de dados, análise dos dados e escrita do texto.

Autor 2 – Orientadora da pesquisa, participação ativa na análise dos dados e revisão da escrita final.

DECLARAÇÃO DE CONFLITO DE INTERESSE

Os autores declaram que não há conflito de interesse com o presente artigo.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.